

# AS RELAÇÕES ENTRE SESI E CSIT NO CAMPO ESPORTIVO: 1996-2011

## THE RELATIONS BETWEEN SESI AND CSIT IN SPORT FIELD: 1996-2011

Ricardo João Sonoda-Nunes<sup>1</sup>  
 Fernando Dandoro Castilho Ferreira<sup>2</sup>  
 Wanderley Marchi Júnior<sup>3</sup>

### Resumo

Esse trabalho refere-se aos estudos da tese de doutorado defendida pelo autor ao final de 2012. A problematização da pesquisa construiu-se a partir da verificação da lógica do esporte moderno (presente no esporte profissional e com ênfase em estratégias de comercialização e espetacularização), no esporte amador, a partir das relações entre o Serviço Social da Indústria (SESI) e a *Confédération Sportive Internationale du Travail* (CSIT) no período de 1996 a 2011. Como hipótese, acreditou-se que tais relações orientaram-se por essa lógica, fortalecida com a entrada do SESI no campo, de forma que com o passar dos anos o *habitus* incorporado em seus agentes passou a ser predominante, alterou a lógica de funcionamento do campo e motivou as outras instituições filiadas à CSIT a aderirem ao modelo ou afastarem-se da gestão. Nesse processo, SESI e CSIT distanciaram-se dos seus conceitos vigentes relacionados às características do esporte amador e estruturados pelo “*Sport for All*” e passaram a reproduzir estratégias de mercantilização e espetacularização do esporte profissional. O objetivo geral da pesquisa foi analisar como a relação entre o SESI e a CSIT foi orientada por essa lógica do esporte moderno. Como referencial teórico metodológico, utilizamos a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu com uma aproximação à Sociologia Compreensiva de Max Weber. Concluímos que as relações entre o SESI e a CSIT, entre 1996 e 2011, orientaram-se pela lógica do esporte moderno, pautada pelo modelo associativo olímpico e contemplando a reprodução das estratégias de espetacularização do esporte profissional, incidindo, dessa forma, no distanciamento dos seus conceitos vigentes, relacionados às características do esporte amador e estruturados pelo “*Sport for All*”. Contudo, dada a presença de outras Uniões no subcampo do esporte para trabalhadores e o próprio vínculo do SESI com o campo industrial, concluímos que os conceitos vigentes também se mantêm presentes, mesmo que distanciados.

**Palavras-chave:** SESI; CSIT; Esporte para Trabalhadores; *Sport for All*; Espetacularização; Bourdieu; Weber.

### Abstract

This work refers to the study of doctoral thesis defended by the author to the end of 2012. The problematization that guided our research interest has built up from the moment in which we identified the presence of that logic also in amateur sport, from the relationship between the Social Service of Industry (SESI) and the *Confédération Sportive Internationale du Travail* (CSIT) between 1996 and 2011. As a hypothesis, we believe that such relations were guided by this logic of modern sport, strengthened with the entry of SESI in the field, so that over the years the *habitus* in its present structure, built in their agents, became predominant changed the operating logic of the field and led the other institutions affiliated with CSIT to adhere to the model or move away from management. In this case both the SESI as CSIT distanced themselves from their current concepts related to the characteristics of amateur sport and structured by the “*Sport for All*” and started to play the strategies of commercialization and spectacularization of professional

- 1 Doutor em Sociologia e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), docente do curso de graduação em Gestão Desportiva e do Lazer da UFPR, membro do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS/DEF), Secretário Geral da Asociación Latinoamericana de Gerencia Deportiva (ALGEDE) e Diretor de Marketing da Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE). Correo electrónico: ricardo.sonoda@ufpr.br
- 2 Aluno do Programa de Doutorado em Sociologia e Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), docente do curso de graduação em Gestão Desportiva e do Lazer da UFPR, membro do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS/DEF) e da Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE). Correo electrónico: fernando\_dcf@yahoo.com.br
- 3 Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), docente do curso de graduação em Educação Física e dos Programas de Mestrado e Doutorado do Departamento de Educação Física (DEF) e Ciências Sociais (DECISO) da Universidade Federal do Paraná, Coordenador do Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade (CEPELS/DEF), vice-presidente da Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa/CNPq. Correo electrónico: marchijr@ufpr.br

sports. The main research objectives were to analyze how the relationship between SESI and CSIT was guided by the logic of modern sport. As a theoretical framework of analysis, we used the constructs of Reflexive Sociology of Pierre Bourdieu to read the subfield of sport for workers, identifying their structures and agents, and then analyze their relationships. In the sequence, we perform an approximation of these with the Comprehensive Sociology of Max Weber specifically the concepts of “sense” of social action and social associational relationship, in Weberian terms, noting signs of domination and bureaucracy. Given the historical documents and the analyzed interviews we conclude the relationships between SESI and CSIT, between 1996 and 2011, were guided by the logic of modern sport, guided by Olympic associative model and contemplating reproduction of spectacularization strategies (also aspiring to commercialization) of professional sports, focusing thereby on the distance of their current concepts related to the characteristics of amateur sport and structured by the “Sport for All”. However, given the presence of other unions in the subfield of sport to workers and the link itself SESI has with the industrial field, we conclude that the current concepts also remains present, even if distant. That is, again referring to Weber and Bourdieu, it is, respectively, a social relationship that is guided by two orders force, as legitimate, with a flow which tends to one or the other, accordingly the disputes inside field.

**Key-words:** SESI; CSIT; Sport for Workers; Sport for All; Spectacularization; Bourdieu; Weber.

Fecha de recepción: 15 de julio de 2014

Fecha de aprobación: 12 de noviembre de 2014

Para citar este artículo:

Sonoda-Nunes, R., Castilho, F., Marchi, W. (2014). As relações entre sesi e csit no campo esportivo: 1996-2011. *Revista Lúdica Pedagógica*, (20), 67-78.

## INTRODUÇÃO

Ao buscarmos uma compreensão do esporte contemporâneo, diante de sua problemática e as novas dimensões que ele assumiu na sociedade atual, sem analisá-lo enquanto um fenômeno social historicamente construído, estaremos nos remetendo a uma visão superficial que de certa forma reduz todo o conjunto de relações que se estabelecem no interior deste universo. (Proni, 1998).

Wanderley Marchi Jr. considera o esporte como o fenômeno de maior impacto sociocultural do final do século XX e início do XXI. (Marchi Júnior, 2006). Aspectos como esses motivam pesquisas, gerando modelos de análises voltados à compreensão das especificidades do esporte moderno, distinguindo-o dos jogos e das formas ancestrais de competição física que estes esportes assumiram. (Gebara, 2002).

Falamos de um fenômeno polissêmico cujos desdobramentos não se relacionam mais apenas com a atividade técnica competitiva que o esporte promove. Em relação a esse tema Marchi Júnior e Afonso (2007) destacam o seguinte:

O esporte é um fenômeno processual, social, econômico, cultural e historicamente construído. Por conta das feições e significados sociais que o

esporte apresenta na sociedade atual, como uma atividade física universal presente na maioria dos povos e culturas, independente de língua, cor, credo, posição social, sexo e idade, tem se popularizado cada vez mais, e com essa aceitação e apropriação redimensionado sua estratégia para a mercantilização e espetacularização. (Marchi Júnior; Afonso, 2007, p. 132).

Ao pensarmos nessas estratégias de mercantilização e espetacularização, podemos nos remeter às ações de desenvolvidas em megaeventos como a Copa do Mundo de Futebol e Jogos Olímpicos, ou ainda, aos esportes profissionais. Porém, observamos que tais estratégias em alguns casos também ocorrem no esporte amador<sup>4</sup>, como o que identificamos nas relações entre o Serviço Social da Indústria (SESI) e a *Confédération Sportive Internationale du Travail* (CSIT).

O SESI é uma instituição brasileira, que surgiu em 25 de junho de 1946, quando foi editado o Decreto-lei 9.403 que atribuía à Confederação Nacional da Indústria (CNI)<sup>5</sup>, a sua criação (Brasil, 1946). Atualmente está

4 Em relação ao que compreendemos por esporte amador, buscamos refúgio novamente no conceito de esporte polissêmico. Para tanto nos reportamos às seis possíveis “manifestações” do esporte interpretadas por Marchi Júnior (2004, p. 24): 1. Escolar; 2. Lazer; 3. Saúde/qualidade de vida; 4. Reabilitação; 5. Rendimento/performance; 6. Profissional. Dentre essas associamos, principalmente, três ao esporte amador: lazer, saúde/qualidade de vida e rendimento/performance. Esse conceito será aprofundado no capítulo 3.

5 Na época a Confederação Nacional da Indústria congregava as Federações das Indústrias do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Paraná, represen-

presente nos 26 Estados da União e no Distrito Federal por meio de 2.285 unidades, distribuídas em 1.565 municípios (Serviço Social da Indústria, 2008).

A CSIT por sua vez, trata-se de uma organização esportiva baseada nos ideais do movimento internacional do trabalho: igualdade e solidariedade no esporte. Foi fundada em 1913, na cidade de Ghent (Bélgica) para assegurar os direitos à prática do esporte aos trabalhadores e seus familiares, especialmente mulheres e crianças (Confédération Sportive Internationale du Travail, 2007, tradução nossa).

Destacamos que ambas as instituições promovem esporte para trabalhadores, em caráter amador. Tais aspectos são comunicados em seus próprios documentos e/ou *sites*, ao descreverem objetivos da entidade e os de suas atividades.

Em relação ao tema, encontramos no *site* do SESI a seguinte informação sobre o esporte:

O SESI acredita que o esporte tem um poder transformador na vida dos trabalhadores e estruturou o programa SESI Esporte. O eixo principal deste programa são os Jogos do SESI, competições que reúnem cerca de 650 mil trabalhadores-atletas em competições no Brasil e no exterior, anualmente. Os Jogos do SESI são reconhecidos por organismos nacionais e internacionais e ocorrem nas etapas municipais, estaduais, regionais, nacional e internacional. Os torneios mobilizam empresas e famílias que acompanham os trabalhadores-atletas nas competições das modalidades: futebol, futsal, futebol master, vôlei, vôlei de praia, atletismo, natação, tênis de mesa, tênis e xadrez. Há ainda as modalidades que são disputadas localmente, de acordo com as características da região. (Serviço Social da Indústria, 2009).

É possível observar, logo no início dessa última citação, que a instituição ao descrever a atividade que promove associa a mesma com as características do esporte amador. Tais aspectos também são identificados no *site* da CSIT:

A CSIT é uma organização que visa promover e ampliar as atividades esportivas para trabalhadores e, assim, tornar-se um movimento mundial. Todas estas atividades irão **apoiar as nossas aspirações à democracia, solidariedade e melhoria**

tando a totalidade de órgãos sindicais da indústria, existentes no país. (Confederação Nacional da Indústria, 1946, p. 3-6).

**da qualidade de vida** por meio do esporte. Este movimento procura abranger diversas federações esportivas e, portanto, é capaz de proporcionar melhores oportunidades para a diversificação do exercício físico para todos os cidadãos. (Confédération Sportive Internationale du Travail, 2011, tradução nossa, grifo nosso).

Por outro lado, as ações atuais promovidas por ambas instituições apresentam estratégias de mercantilização e espetacularização. Citamos a seguir um trecho da revista digital da CSIT lançada ao final de 2009:

Eu quero convidar todos os interessados a participar da Loteria da CSIT pela internet, onde você pode ganhar prêmios num valor de 55.000 Euros e mais de 20 bilhetes grátis para a sua estada em Tallinn em julho 2010. Agradeço a nossa organização parceira *Be-at-home.com*. Por favor, registre-se pela internet na [www.csit.tv](http://www.csit.tv). (Confédération Sportive Internationale du Travail, 2009a, tradução nossa).

Esse convite foi realizado pelo atual presidente da CSIT (Harald Bauer), logo após comunicar que em 2010 seria realizada a segunda edição dos Jogos Mundiais dos Trabalhadores em Tallinn (Estônia). A relação da loteria com os Jogos utiliza-se de princípios de marketing e patrocínio similares aos indicados nos exemplos que citamos no início do trabalho (sobre os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo da FIFA): considerar o evento como produto potencial em busca de patrocinadores.

No caso da “Loteria da CSIT”, foi firmado um contrato de patrocínio específico para a segunda edição dos Jogos Mundiais. A empresa patrocinadora (*Be-at-home.com*), especializada em jogos e apostas via internet, investiu € 85 mil em prêmios, passagens e ingressos para os Jogos, recursos para o orçamento e fundo de administração do escritório da CSIT, entre outros (Confédération Sportive Internationale du Travail, 2009b, tradução nossa).

Nas ações do SESI encontramos mais possibilidades que indicam estratégias de mercantilização e espetacularização no esporte amador, assemelhando-se à situação observada na CSIT. A citação a seguir nos fornece mais indícios:

Brasil, campeão dos Jogos Mundiais do Trabalhador, na Itália. O SESI se orgulha de cada um dos 170 atletas que venceram em seis das sete modalidades que competiram. Eles representaram 2 milhões de trabalhadores-atletas presentes em todas as fases eliminatórias – dos jogos nas empresas aos Jogos Nacionais do SESI. (Revista Gol Linhas Aéreas Inteligentes, 2008, p. 39).

Essa mensagem refere-se à participação brasileira na primeira edição dos Jogos Mundiais da CSIT em 2008 na cidade de Rimini (Itália). Além da inserção internacional e o volume de pessoas envolvidas, também nos chamou atenção a estratégia de publicação da matéria na revista de uma das maiores empresas de transporte aéreo do país, indicando, talvez, um possível público alvo, ou ainda, possíveis patrocinadores.

A partir desse contexto, o problema central da pesquisa foi sintetizado da seguinte forma: Como foram orientadas e se construíram as relações entre o SESI e a CSIT no campo esportivo durante o período de 1996 a 2011? O recorte temporal abordado, corresponde ao ano da filiação do SESI à CSIT (1996) e o ano (2011) de realização do Congresso da CSIT que, entre outros aspectos, registrou a reeleição do grupo gestor que assumiu a instituição em 2008 e confirmou o Rio de Janeiro como sede dos Jogos Mundiais da CSIT em 2013, ocasião em que será comemorado também os 100 anos da instituição.

Como hipótese à essa problematização apresentada, tem-se que as relações estabelecidas entre o SESI e a CSIT no campo esportivo, durante o período de 1996 a 2011, foram orientadas pela lógica do esporte moderno, pautada pelo modelo associativo olímpico e contemplando a reprodução das estratégias de mercantilização e espetacularização do esporte profissional. Nesse processo as instituições distanciaram-se dos seus conceitos vigentes que estão relacionados às características do esporte amador e estruturados pelo “*Sport for All*”.

Entendemos que essa orientação pelo modelo associacionista olímpico ganhou força com a entrada do SESI no campo, ou seja, quando da sua filiação à CSIT em 1996. Com o passar dos anos o *habitus* presente na estrutura do SESI e incorporado em seus agentes passou a ser predominante alterando a lógica de funcionamento do campo de forma que outras instituições filiadas à CSIT, aderiram ao modelo ou se distanciaram da gestão. Na medida em que isso aconteceu, esses agentes (grupo gestor eleito em 2008) ampliaram seus capitais e assumiram a gestão da CSIT reforçando a reprodução das estratégias de mercantilização e espetacularização do esporte profissional.

Considerando tal cenário, o objetivo geral da pesquisa foi analisar como foram orientadas e se construíram as relações entre o SESI e a CSIT no campo esportivo durante o período de 1996 a 2011.

Em relação ao referencial teórico-metodológico, considerando esse cenário e refletindo sobre as relações que

se estabelecem entre o SESI e a CSIT, utilizamos como marco teórico a Sociologia Compreensiva de Max Weber destacando os conceitos “sentido” da ação social, dominação e burocracia.

Trabalhamos também com a Sociologia Reflexiva de Pierre Bourdieu, baseada na Teoria dos Campos. Utilizamos principalmente os conceitos de campo, habitus e capital, fundamentais à análise das relações que se estabelecem entre as duas instituições.

Referindo-nos aos procedimentos metodológicos tivemos como principal fonte de coleta de dados da pesquisa documentos elaborados pelas instituições e a realização de entrevistas semiestruturadas, que também buscaram preencher as lacunas deixadas pelos documentos.

Compuseram a amostra da entrevista apenas os dirigentes, gerentes, coordenadores e técnicos que atuaram ou atuam nessas instituições desenvolvendo as políticas e diretrizes aplicadas ao esporte. Ao todo foram 80 agentes entrevistados, sendo 24 da CSIT, 54 do SESI e 2 consultores.

A seguir apresentaremos os principais conceitos utilizados na pesquisa e na sequência a análise propriamente dita das relações entre SESI e CSIT.

## SENTIDO DA AÇÃO SOCIAL, HABITUS E CAMPO

O significado de Sociologia, para Weber, é o de uma ciência voltada à compreensão interpretativa da ação social. Nesse caso, a “ação” é entendida como um comportamento humano dotado de um sentido subjetivo conferido pelo agente ou agentes. Esse “sentido”, é o sentido visado na realidade (num caso específico ou na média dada por uma quantidade de casos) ou num tipo puro conceitualmente construído. Porém, não se trata de um sentido “correto” ou “verdadeiro”. (Weber, 2000).

Desta forma, chamamos a atenção para dois aspectos: 1) Weber considera a ação do indivíduo como o ponto de partida para a análise sociológica; 2) além disso, mais do que definir o que entende por “sentido”, o autor preocupa-se em “ênfatar que o sentido a que ele se refere é aquele subjetivamente visado pelo agente e não qualquer sentido objetivamente correto”.<sup>6</sup> (Cohn, 1999, p. 26-27).

Weber realiza uma detalhada abordagem sobre sentido, apontando uma série de características distintivas das

6 cf. (Weber, 2000, p. 6).

quais não trataremos nesse trabalho. Queremos destacar que a sociologia weberiana, ao falar em sentido considerando o seu papel mais importante para a análise, não está se referindo a origem da ação, mas para a finalidade visada nela.

Já em relação à ação “social”, incluindo-se aí a tolerância e a omissão, significa uma ação na qual o sentido visado pelo agente refere-se ao comportamento (futuro esperado, presente, ou passado) dos outros, sejam estes uma multidão de pessoas que nunca se viram antes ou um único indivíduo conhecido. (Weber, 2000, p. 14). Ou seja, é a “ação orientada significativamente pelo agente conforme a conduta de outros e que transcorre em consonância com isso”. (Cohn, 1999, p. 26-27).

Como exemplo, poderíamos destacar a ação do jogador de futebol que após ter feito um gol, corre para cumprimentar o técnico, podendo ser uma simples ação de comemoração, ou de agradecimento por ter sido escalado, ou ainda, em resposta à uma determinada “cobrança”. Entretanto, destacamos:

[...] o sentido da ação própria nem sempre podem ser verificadas claramente, nem sempre são conscientes e ainda mais raramente são completamente conscientes. Por isso nem sempre é possível distinguir, com toda a certeza, a mera ‘influência’ da ‘orientação’ pelo sentido. (Weber, 2000, p. 14-15).

O fato do sentido da ação muitas vezes não ser consciente e raramente ter plena consciência pode ser interpretada como uma das possibilidades de aproximação dos constructos teóricos de Weber e Bourdieu. No caso específico, referimo-nos ao conceito de *habitus*, no sentido de que as condutas de um agente apesar de serem orientadas em relação a determinados fins, não são conscientemente dirigidas a esses fins.

Podemos dizer que a noção de *habitus* foi adotada por Bourdieu com a preocupação de atribuir à prática uma ação ativa, inventiva, ou seja, capacidades geradoras das disposições adquiridas e socialmente constituídas (Bourdieu, 2009a, p. 25; Bourdieu, 2009b, p. 60-62). Tais capacidades não são a de um sujeito transcendental, mas sim de um agente ativo, ou seja, sua capacidade de invenção e improvisação. Dessa forma, constituir o *habitus* como um sistema de esquemas adquiridos que funciona no nível prático com princípios de classificação e ao mesmo tempo de organizadores da ação (Bourdieu, 2009a, p. 25-26; Bourdieu, 2009b, p. 60-62).

Trata-se do produto das experiências que constituem a formação da primeira infância, de toda história individual, bem como, de toda a história coletiva da família e da classe. É o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo (Bourdieu, 2009a, p. 131).

Tal aspecto é importante, pois as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses associados a ela) e segundo seu *habitus* que é compreendido como um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas, bem como, sistema de produção de práticas nas quais suas operações exprimem a posição social em que foi construído, em ambas as situações. (Bourdieu, 2009a, p. 158).

Retomando o conceito weberiano, o conteúdo do sentido de uma relação social pode ser estipulado mediante um acordo recíproco. Tal fato significa que os participantes realizam promessas relativas à sua conduta futura. Os agentes, contudo, podem orientar essa relação social pela representação de uma ordem legítima, de forma que reconheçamos como “vigência da ordem em questão”, a probabilidade para que isso ocorra de fato. (Weber, 2000, p. 17, grifos nossos).

Esse conceito de “ordem legítima”, destaca-se pela sua possibilidade de atuar com conceitos de referência coletiva, como, por exemplo, Estado, Igreja, entre outros, sem atribuir-lhes uma realidade efetiva fora das ações reais dos agentes, uma vez que apenas elas lhes dão vigência. (Cohn, 1999, p. 30).

Além disso, entre a vigência ou a “não vigência” de uma ordem não existe uma alternativa absoluta para Sociologia. Existem sim, transições fluidas entre ambos os casos e pode existir vigência paralela de ordens contraditórias entre si, cada qual no âmbito em que existir a probabilidade de a ação se orientar efetivamente por elas. (Weber, 2000, p. 19-20, grifos nossos).

Ao nosso entendimento, considerando o conjunto desses constructos, observamos na relação entre SESI e CSIT, no caso representada por seus agentes, uma relação social permeada por ordens legítimas, porém contraditórias, indicada por uma vigência paralela com transições fluídas entre essas ordens, de forma a tender mais a uma ou mais a outra conforme a orientação da ação dos agentes por determinados fins.

Entendemos que a fluidez dessa transição ocorre pela intenção de alguns agentes pautarem-se por uma determinada ordem, como sendo legítima, em contraposição à outra, em maior ou menor grau de sinceridade. Ou ainda,

pelas diversas concepções do sentido que determinada ordem assume. Tais divergências poderiam ter significado nas estratégias adotadas pelos agentes a partir da influência de um determinado *habitus*, ora referido.

Mantendo a aproximação com Bourdieu, registra-se contudo, que tal fluidez está marcada pelas disputas entre os agentes que integram o campo a partir de diferentes estratégias já mencionadas e pelos seus capitais.

Nesse sentido, ao mesmo tempo em que temos uma ordem legítima estruturada pela lógica do *Sport for All*, compreendendo, entre outros aspectos, o esporte, num sentido polissêmico, como possibilidade de lazer, temos uma outra ordem, também legítima, fundada na lógica da prática associativa do movimento olímpico, a qual denominamos associacionismo olímpico. Esta última, por sua vez, acrescenta estratégias de mercantilização e espetacularização presentes na lógica do esporte moderno e comumente utilizadas em esportes profissionais e/ou àqueles praticados em alto nível de rendimento.

Compreendemos que a relação entre SESI e CSIT pode ser pensada como uma relação associativa, orientada de maneira racional referente a valores e também a fins, visto que ao mesmo tempo em que se pauta pelos seus princípios estatutários, organiza-se a partir de outras lógicas referentes a fins econômicos, como é o caso do já referido associacionismo olímpico.

Prosseguindo com a exposição dos conceitos, destacamos a noção de campo. Ao abordarmos o conceito de campo, podemos inicialmente pensar em um espaço social. A ideia é representar o mundo social em forma de um espaço (com várias dimensões) cuja base é construída a partir de princípios de diferenciação ou de distribuição que se constituem pelo conjunto de propriedades que atuam no universo social e que conferem ao detentor das mesmas, força ou poder nesse universo (Bourdieu, 2009b, p. 133-134).

Tal aspecto nos remete a refletir sobre o nosso objeto de estudo, pensando que a aproximação no espaço social entre as instituições SESI e CSIT, realizada por meio de seus agentes, tem sido cada vez maior. Ou seja, a distância entre as duas instituições em relação às demais presentes nesse mesmo espaço é menor. Consequentemente as suas afinidades em relação às estratégias e interesses mútuos serão maiores.

Caso essas propriedades consideradas na constituição do espaço social forem propriedades atuantes, esse espaço também pode ser descrito como um campo de forças, ou seja, um conjunto de relações objetivas

impostas a todos que entrarem nesse campo e que são irredutíveis às ações dos agentes individuais ou às interações diretas entre eles (Bourdieu, 2009b, p. 134).

Temos que tal aspecto também se faz presente nas relações que se estabelecem entre o SESI e a CSIT, como por exemplo, os capitais dos agentes que representam essas instituições no campo.

As relações por sua vez pressupõe o interesse, que é uma condição de funcionamento do campo, sendo compreendida como fator que estimula as pessoas, fazendo-as concorrer, rivalizar, lutar, implicando então no produto de funcionamento do campo. Ou seja, o campo e aquilo que está em jogo nele, produzem investimentos de tempo, de dinheiro, de trabalho entre outros (Bourdieu, 2009a, p. 127).

Cada campo possui um objeto específico de disputa e uma história própria que permite assimilar a sua relativa autonomia em relação a outros campos (Bonnwitz, 2005, p.62).

Tomando como ponto de partida o campo esportivo, poderíamos propor para uma análise mais efetiva do nosso objeto de estudo a organização de um subcampo do esporte para trabalhadores. Tal espaço possui uma história própria que representa uma relativa autonomia em relação ao campo esportivo (mesmo que em muitos momentos reproduza o mesmo) e aproximando-se, inclusive, de outros campos.

Atualmente podemos identificar a CSIT, suas instituições filiadas (como o SESI), instituições parceiras, patrocinadores entre outros como estruturas que compõe esse subcampo. Algumas delas originárias e com atuação predominantemente nesse espaço e outras que estão presentes também em outros campos como, por exemplo, as federações de arbitragem que ao nosso ver integram o campo esportivo, mas atuam também nesse subcampo.

Ao falarmos dos agentes, destacamos os participantes (atletas), dirigentes e trabalhadores que atuam nessas instituições acima mencionadas, prestadores de serviços (como os árbitros), entre outros. Salientamos também que se trata de um espaço social com organização e lógicas próprias de funcionamento. Entretanto, no nosso caso a análise mais aprofundada se concentrará nos dirigentes e técnicos da CSIT e do SESI, abordada a seguir.

## SESI E CSIT: RELAÇÕES

Iniciaremos apresentando a constituição do subcampo do esporte dos trabalhadores destacando algumas

informações que contribuíram para o seu desenvolvimento. Partimos do pressuposto que a sua configuração deu-se no interior do campo do movimento operário europeu, em meio à uma intersecção deste, entre outros possíveis, com o campo esportivo. Com o desenvolvimento histórico e na medida em que novos agentes e estruturas ingressam nesse subcampo, sua lógica de funcionamento vai mudando e paulatinamente migra para o interior do campo esportivo e lá permanece e vem se estruturando até a atualidade.

O surgimento do subcampo do esporte dos trabalhadores é marcado pela criação do *Worker Sport Movement* em 1890 na Europa. Dentre as vertentes existentes sobre os interesses/objetivos assinalados para a sua criação, concordamos com os autores que compreendem a sua criação como parte integrante de uma resistência cultural e/ou política aos valores burgueses e a forma de organização social sob a hegemonia da burguesia, como registramos a seguir:

O antagonismo de classe não se expressou no plano cultural, especificamente, do esporte? Sim, num movimento cultural da classe trabalhadora do início do século, que no caso específico da cultura corporal criou e desenvolveu uma organização para a prática e o desenvolvimento da ginástica e do esporte próprios da classe trabalhadora. (Bracht, 2002, p. 195).

“Os fundadores do movimento esportivo do trabalhador acreditavam que o esporte poderia ser revolucionário, não menos importante para os trabalhadores que os seus movimentos políticos, sindicais e cooperativos.” (Riordan, 1999, p. 106, tradução nossa)

Ainda em relação à resistência cultural e/ou política aos valores burgueses, destaca o autor:

[...] a sociedade burguesa excluiu significativamente os trabalhadores da vida pública e dos clubes esportivos amadores e suas competições. Consequentemente, se os trabalhadores praticaram e competiram em todos os níveis local, nacional ou internacionalmente, foi porque criaram suas próprias associações esportivas e campeonatos. (Riordan, 1999, p. 106, tradução nossa).

O autor belga e ex-presidente da CSIT, Maurice Deveen acrescenta também: O Movimento Esportivo Internacional dos Trabalhadores foi criado pela classe trabalhadora, em resposta à atitude prevalecente na época, a saber: “Não podem ser considerados esportistas ama-

dores: operários, trabalhadores rurais ou diaristas” (Deveen, 1991, p. 117, tradução nossa).

Registra-se também que o chamado esporte moderno era um evento recente e que, entre outros aspectos, contava com a criação do COI em 1894 e a retomada dos Jogos Olímpicos em 1896. Ou seja, o campo esportivo também estava se estruturando.

Já em 1913 na cidade de Ghent, com a reunião de associações da Alemanha, Bélgica, França, Inglaterra e Itália, surge a primeira associação internacional do movimento esportivo do trabalhador: *Socialist Physical Culture International*. (Riordan, 1999).

Foi um período em que se realizaram vários festivais e eventos como, por exemplo, a Spartakiad em oposição ao COI e seus Jogos Olímpicos, favorecendo o fortalecimento do movimento esportivo do trabalhador. Contudo, após a I Guerra Mundial ocorre a separação entre comunistas e socialistas, o que comprometeria o futuro do movimento. Em 1921, na cidade de Moscou, cria-se a *Red Sports International/RSI* (filial da *Communist International*) que rompe com a *Lucerne Sport International/LSI* (filial da *Socialist International*), recém instituída em 1920 na cidade de Lucerne (Suíça), fruto da reformulação da antiga *Socialist Physical Culture International*. (Riordan, 1999).

Em 1925 a LSI passa por outra reforma originando a *Socialist Worker Sport International (SWSI)*. Ambas as instituições (SWSI e RSI) continuam com suas atividades separadamente, a primeira considerando o esporte como um movimento independente e a segunda compreendendo-o como veículo político voltado à luta de classes. Com essa separação, a disputa com o movimento olímpico perdeu força e o COI destacou-se ainda mais no campo. Além disso, algumas associações começam a ser suprimidas pelos regimes Fascista e Nazista, fazendo com que, em 1936, SWSI e RSI se unam para aumentar a resistência. Porém, com a realização da II Guerra Mundial a situação se agrava. (Riordan, 1999).

Com o término da guerra, apesar de ter “sobrevivido”, o movimento esportivo do trabalhador perde ainda mais a sua representatividade. Contudo, a partir da mobilização de algumas associações de diferentes países surge a CSIT em 1946, já com ideais e valores diferentes ao do *Worker Sport Movement* e mais próximos ao movimento olímpico. Refletindo sobre o subcampo do esporte para trabalhadores, tal fato pode representar o início do afastamento do campo do movimento operário europeu e a aproximação do campo esportivo. Na mesma época instaura-se o SESI, no interior do campo industrial bra-

sileiro (pautado por ideais e valores capitalistas) com uma aproximação junto ao campo esportivo. Nas duas primeiras décadas de atuação suas ações refletem claramente a influência do movimento olímpico, provavelmente já dominante no campo esportivo.

No início da década de 1960 a CSIT assume um posicionamento político voltado ao desenvolvimento de atividades esportivas com características do *Sport for All*, que, por sua vez, viria a ser adotado oficialmente pelo Conselho da Europa, em 1966. Nesse mesmo período, o SESI iniciava seus contatos com os conceitos de Joffre Dumazedier e ao final da década de 1970 envolveu-se também com as atividades do “Esporte para Todos”, institucionalizado no Brasil a partir de 1973.

Em 1982 o COI cria um subcomitê do *Sport for All* que quatro anos mais tarde receberia o status de comissão e uma atuação regular e permanente. Podemos compreender tal ação como uma estratégia de dominação do campo, talvez almejando vincular sua imagem mais ao esporte de um modo geral e menos elitista como nos Jogos Olímpicos.

Nesse mesmo ano de surgimento da comissão do *Sport for All* (1986), o COI reconhece oficialmente a CSIT. Acreditamos que esse é o marco principal da representação do subcampo do esporte dos trabalhadores já no interior do campo esportivo e reduzindo suas relações com o campo do movimento operário. Ou seja, a situação inversa do seu surgimento.

Dez anos mais tarde, em 1996, o SESI já atuante no campo esportivo ingressa nesse subcampo do esporte para trabalhadores. Ao nosso entendimento, sua entrada no subcampo ocorreu pela atuação no campo esportivo, mas diferentemente da CSIT, o SESI continuou vinculado ao campo industrial brasileiro, fazendo uma aproximação entre este e o subcampo ora referido.

Após a apresentação desses dados que demonstram a inserção do SESI na CSIT e a realização de uma síntese do desenvolvimento histórico do subcampo do esporte para trabalhadores, destacando apenas alguns fatos mais próximos ao objeto de estudo, chegamos ao início do período (1996-2011) que nos propomos a analisar as relações entre as duas instituições.

Sobre a análise específica das relações entre o SESI e a CSIT, entendemos que a relação social (em uma perspectiva weberiana) entre essas instituições, no caso representadas por seus agentes, possui ordens legítimas, porém contraditórias, com transições fluídas entre uma e outra. Tal fato se dá a partir da orientação da ação

dos agentes, em maior ou menor grau de sinceridade, que se pautam por uma ordem compreendendo-a como legítima, em detrimento à outra.

Na medida em que temos as disputas entre os agentes que integram o campo, ocorre essa fluidez apontada por Weber. Ao nosso entendimento, uma dessas ordens legítimas é estruturada pela lógica do *Sport for All* e a outra é orientada pela lógica do esporte moderno, pautada pelo associacionismo olímpico e reproduzindo estratégias de mercantilização e espetacularização, comumente utilizadas em esportes profissionais e/ou àqueles praticados em alto nível de rendimento.

Um exemplo dessa última lógica está presente na fala do presidente da CSIT, quando perguntado sobre dos parceiros da instituição:

Deixe-me começar, provavelmente, com o COI, porque sob o meu ponto de vista, a parceria mais importante que podemos ter. Ah ... quando Pierre de Coubertin há mais de 100 anos atrás, **teve a boa ideia de reunir (risos) as pessoas de todo o mundo em um evento esportivo... eh... nós tivemos que descobrir que... esta ideia não é mais presente no movimento olímpico.** Eles estão lidando com excelência e *fair play*[...]7

Esse trecho do depoimento do presidente destaca bem a reciprocidade “estratégica”, ora aludida, principalmente na orientação do sentido da sua ação, talvez não explicitamente descrito, mas ser o “COI do esporte dos trabalhadores”, ou ainda, se aproximar dessa estrutura:

Minha visão é que, em 2020, **a CSIT seja a maior organização do esporte amador e de trabalhadores do mundo, 100 Uniões em todo o mundo e 25 milhões de membros individuais.** E esta organização deve até assim, até 2020, crescer tanto quanto fomos capazes de organizar o maior evento esportivo do mundo [referindo-se às olimpíada do trabalhador]. Como fizemos no passado. [...]8

Ou seja, além dos interesses mútuos, o reconhecimento do COI também gera compromissos para com essa rede associativa. E nesse caso a reprodução do “sucesso” do movimento olímpico, que são os Jogos, seja uma alter-

7 Depoimento colhido por Ricardo João Sonoda Nunes na entrevista realizada com o membro da ASKÖ (Áustria) e presidente da CSIT. A entrevista foi realizada em Vilnius (Lituânia), na sede da *Lithuanian Sports Society/ŽALGIRIS* (membro da CSIT), por ocasião da realização da Assembléia Geral da CSIT em 14/10/2009, tradução nossa.

8 Entrevista com o presidente da CSIT. Op. cit.

nativa estratégica para que a CSIT, igualmente ao COI atinja o seu “sucesso”, nas palavras do seu atual presidente: “a maior organização de esportes para trabalhadores do mundo”.

Outros agentes concordam com essa estratégia e valorizam o relacionamento com o COI, como é caso do secretário administrativo da CSIT que explicita a questão da influência no campo esportivo e o aspecto financeiro: “... o COI é o ... sim ... é o mais influente no mundo esportivo e tem muito dinheiro...”<sup>9</sup>

Na medida em que ocorreu esse envolvimento com o COI, e a lógica de organização do esporte moderno tornou-se vigente, a busca pelos grandes eventos, como o World Sports Games intensificaram-se e como o próprio presidente da CSIT relatou, tornou-se o principal produto e estratégia de desenvolvimento da CSIT.

Nesse perspectiva, se consideramos especificamente a relação entre o SESI e CSIT, desde 1996 (quando ocorre a filiação do SESI), além de ter participado em mais de 50 eventos fora do Brasil, o SESI organizou no Brasil: “Copa do Mundo do Futebol do Trabalhador” (2000), “Copa do Mundo de Vôlei de Praia do Trabalhador” (2001), “Copa do Mundo do Futsal do Trabalhador” (2004), “Mundial de Atletismo do Trabalhador” (2005), “Mundial de Natação da CSIT” (2006), “Mundial de Voleibol da CSIT (2006)” e Mundial de Natação, Vôlei de Praia e Xadrez (2009).

Diante desse cenário, constatamos que ao longo do período de criação, implantação e de desenvolvimento dessa estratégia dos jogos mundiais, a reprodução da lógica do esporte moderno organizada pelo COI pautou-se por estratégias de espetacularização e mercantilização.

Como exemplo, no caso do SESI, todos esses eventos ora mencionados receberam investimentos significativos, não somente financeiros, mas também, políticos, para conferir-lhe um sentido espetacular. Dentre os exemplos podemos citar, campanhas publicitárias, vinculação midiática (rádio, jornais, revistas, TV, etc.), redes sociais, sites específicos dos eventos, shows com cantores e bandas brasileiras com representatividade nacional. Além disso, várias vezes foi registrada a participação de atletas e ex-atletas das seleções do Brasil.

Por outro lado, registramos também a presença da lógica do *Sport for All* a partir da disputa dos agentes no campo. Como exemplo, destacamos as críticas contundentes do representantes de uma instituição membro da CSIT em relação à condução das atividades na instituição e/ou interesse de alguns membros no que se refere a participação nos Jogos Mundiais:

Eu acho que, se você perguntar, **muitos desses, eu acho que eles partem muito para a competição e para ganhar, e para obter a medalha de ouro**, acho que **meu trabalho está mais focado em como podemos levar as pessoas de todas as idades para participar dos nossos eventos**, eu não busco as melhores equipes, OK, parabéns [tom irônico], mas, no ano passado eu tive duas equipes da Tunísia, o mais jovem de um time tinha 45 anos e no outro time era 60, e estavam tão orgulhosos por chegarem a um torneio mundial [...] **temos que “abrir” os esportes, não apenas focar em competição, e de novo, de novo e de novo focar no Sport for All e não focar no vencedor. Nós não podemos ser ... Nós não somos um “mini COI”, “a menina do COI para as grandes medalhas de ouro”, na CSIT as Uniões membro, os membros eles vêm aqui para ter boas experiências e talvez seja a única maneira de ter experiências internacionais, porque não uma questão de performance, é uma questão de dar oportunidade de participar, não medalha!!! é o físico, mental, e outros ... você entende?**<sup>10</sup>

Outro exemplo, que demonstra a vigência da lógica do *Sport for All* é o depoimento do técnico de lazer do SESI de Santa Catarina:

[...], eu sempre questiono muito assim que os eventos tem um custo muito grande, **as vezes nos eventos nacionais e ou até de certa forma na participação da CSIT, acaba tendo um custo, não que eu seja contra, eu acho que tem que existir isso, mas a gente acaba realizando um conotação um pouco maior e esquecendo um pouco a base**, [...] Então eu num primeiro momento hoje se tivesse que tomar uma decisão talvez seria assim, investir no trabalhador da empresa, que a empresa que nos mantém, focando bem a questão da base. **Eu acho que é lá onde a gente, vou dar um exem-**

9 Depoimento colhido por Ricardo João Sonoda Nunes na entrevista realizada com o membro da ASKOE (Áustria) e secretário administrativo da CSIT. A entrevista foi realizada durante um voo de Tallinn (Estônia) para Vilnius (Lituânia), por ocasião da realização da Assembleia Geral da CSIT em 14/10/2009, tradução nossa, grifo nosso.

10 Depoimento colhido por Ricardo João Sonoda Nunes na entrevista realizada com o membro da DAI (Dinamarca) e Presidente da Comissão Técnica de Futebol da CSIT. A entrevista foi realizada no Rio de Janeiro (Brasil), por ocasião da realização do Congresso da CSIT em 07/10/2011, tradução nossa, grifos nossos.

**plo. Em Santa Catarina nos temos 600, em torno de 600 empresas participando em média no ano, as vezes no nacional, vai chegar 2, 3 empresas. Então eu prefiro investir nas 600 lá na base, do que focar muito só naquelas 2 ou 3, não que não ache importante, mas eu acho que a base realmente onde nos deveríamos investir, porque a gente consegue abrir mais esse leque.**<sup>11</sup>

Apesar de não mencionar o *Sport For All*, temos que o registro do técnico de lazer do SESI-SC vai ao encontro de ao menos um dos seus princípios básicos: a acessibilidade.

O presidente da modalidade de futebol da CSIT é mais enfático e contundente em relação ao assunto, demonstrando as divergências existentes no interior do campo e favoráveis a ordem legítima pautada pela lógica do SFA:

[...] eu falei com todos os presidentes das comissões técnicas e eles dizem o mesmo, **todos os torneios estão morrendo porque estamos focando apenas no World Sports Games e estamos perdendo alguns dos nossos valores, os valores de amizade, os valores de “agradecer o jogo de hoje!” ou “oh! Você joga hoje?”**, E assim por diante, nós não vemos isso. **Então, quando você a cria o World Sports Games, você se afasta dos aspectos sociais e vão para os aspectos competitivos e, você sabe, a nossa [?] ...é o social, Sport for All, o mundo do World Sports Games estão se movendo para ser uma cópia dos Jogos Olímpicos**, está “OK” para mim, a cada ano do *World Sports Games*, será uma grande queda. Não teremos mais bons torneios. [...]<sup>12</sup>

Todos esses fatos integraram a nossa análise e são alguns dos exemplos que podemos destacar sobre a relação entre o SESI e CSIT no interior do subcampo do esporte para trabalhadores entre 1996 e 2011, indicando as lógicas de funcionamento do campo e a ordens legítimas vigentes.

## CONCLUSÃO

Na medida em que abordamos os constructos de Max Weber e Pierre Bourdieu, que estruturaram os con-

11 Depoimento colhido por Ricardo João Sonoda Nunes na entrevista realizada com o técnico de lazer do SESI-SC. A entrevista foi realizada em Joinville/SC (Brasil), na sede da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (FIESC), por ocasião da realização dos Jogos Regionais do SESI - Comitê Sul (Sul brasileiro) em 04/12/2009, grifos nossos.

12 Entrevista realizada com o membro da DAI (Dinamarca) e Presidente da Comissão Técnica de Futebol da CSIT. Op. cit.

ternos e a forma nas quais a pesquisa se desenvolveu, registramos uma primeira constatação da possibilidade de aproximação teórica entre os dois autores, principalmente pelo “sentido” da ação social weberiano e o habitus bourdieusiano.

Entendemos tal aproximação considerando que as condutas de um agente apesar de serem orientadas em relação a determinados fins, não são conscientemente dirigidas a esses fins, ou seja, há uma relação entre as estruturas objetivas e as estruturas incorporadas de um campo.

Ainda sobre os conceitos do nosso referencial teórico e a utilização dos mesmos para a leitura do nosso objeto de estudo, baseado na teoria dos Campos de Bourdieu, identificamos a existência de um subcampo do esporte para trabalhadores, como já referimos no início desse último capítulo. Compreendendo este como um espaço social composto por estruturas e agentes que ocupam posições relativas e que possuem mais ou menos propriedades em comum na medida em que estão mais próximos ou mais afastados, respectivamente.

Nesse sentido, constatamos que a aproximação entre as instituições SESI e CSIT, no interior desse subcampo, aumentou significativamente no intervalo de 1996 a 2011 (período analisado na pesquisa) indicando, como consequência, características em comum no que se refere às estratégias e interesses.

Entendemos que este subcampo possui uma lógica própria de funcionamento e localiza-se no interior do campo esportivo. Além do SESI e da CSIT, formam estas estruturas as outras Uniões filiadas à CSIT, as Indústrias brasileiras que participam dos Jogos (representantes legais perante o SESI), as Indústrias/clubes/associações vinculadas às outras Uniões da CSIT, e algumas estruturas do próprio campo esportivo que se comunicam/circulam também no subcampo do esporte para trabalhadores.

Dentre as citadas acima destacamos as confederações e federações esportivas, as federações de arbitragem, as empresas de produtos esportivos, Sport Accord, ICSSPE, as instituições mais próximas ao “Sport for All” / “Esporte para Todos” (EFPM, ISCA, TAFISA, entre outras), Ministério do Esporte, Universidades, Organizações não governamentais, os CONs e o próprio Comitê Olímpico Internacional, que ocupa uma posição dominante nesse campo e influencia também o subcampo. Existem estruturas que integram outros campos, ou ainda, se comunicam/circulam também no campo esportivo como, por exemplo, os patrocinadores, os representantes midiáticos (mídia escrita, visual, falada e televisiva), entre outros.

Além dessa relação com o subcampo do esporte dos trabalhadores, concluímos que o SESI está vinculado ao que chamamos “campo industrial”, que entre outras estruturas, destacam-se no nosso objeto de estudo: as Indústrias; a Confederação Nacional da Indústria; o Conselho Nacional e os Conselhos Regionais do SESI; o próprio SESI (Departamento nacional e Departamentos Regionais); o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial; o Instituto Euvaldo Lodi; as federações de indústria dos Estados; os sindicatos patronais; os sindicatos dos trabalhadores; o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; o Ministério do Trabalho e Emprego; outras Organizações não governamentais; etc.

Corroborando com a nossa hipótese inicial, diante dos documentos históricos e entrevistas analisadas, concluímos que as relações entre o SESI e a CSIT, entre 1996 e 2011, foram orientadas pela lógica do esporte moderno pautada pelo modelo associativo olímpico e contemplando a reprodução das estratégias de espetacularização (aspirando a mercantilização também) do esporte profissional, incidindo, dessa forma, no distanciamento dos seus conceitos vigentes, relacionados às características do esporte amador e estruturados pelo “Sport for All”. Nesse contexto, também se fizeram presentes as características de racionalização, especialização, quantificação e organização burocrática.

Contudo, dada a presença de outras Uniões no subcampo do esporte para trabalhadores e o próprio vínculo do SESI com o campo industrial, concluímos que os conceitos vigentes também se mantêm presentes, mesmo que distanciados. Ou seja, novamente referindo-se à Max Weber e Pierre Bourdieu, trata-se, respectivamente, de uma relação social que é orientada por duas ordens vigentes, igualmente legítimas, com uma fluidez que tende mais à uma ou à outra, conforme as disputas no interior do campo.

Essa fluidez entre as ordens vigentes, a dinâmica do campo (marcada por disputas constantes), bem como, os diversos caminhos pelos quais essa pesquisa se desenvolveu, apontam para possibilidades futuras de novos estudos socioculturais sobre o esporte para trabalhadores.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bonnewitz, P. (2005). *Primeiras lições sobre a sociologia de p. Bourdieu*. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (2009a). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2009b). *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Bracht, V. (2002). Esporte, história e cultura. En Proni, M.; lucenar. (Org.). *Esporte: história e sociedade*. Campinas: Autores Associados, p. 191-206. (Coleção Educação Física e Esportes).
- Brasil. (1946). Decreto-lei n. 9.403, de 25 de junho de 1946. Atribui à Confederação Nacional da Indústria o encargo de criar, organizar e dirigir o Serviço Social da Indústria. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Rio de Janeiro, DF, p. 9619, 28 jun. 1946. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del9403.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del9403.htm)>. Acesso em: 28/09/2009.
- Cohn, G. (org.). (1999). *Weber: sociologia*. 7 ed. São Paulo: Ática.
- Confederação Nacional Da Indústria (CNI), Rio de Janeiro. (1946). *Ata da reunião de 1o de julho de 1946*. Livro....p. 3-6.
- Confédération Sportive Internationale Du Travail (2011). *About us*. Disponível em: <[http://www.csit.tv/en/menu\\_main/about-us](http://www.csit.tv/en/menu_main/about-us)>. Acesso em: 18/01/2011.
- Confédération Sportive Internationale Du Travail, CSIT News (2009a). *Edition 2/09*. Linz: CSIT, 36p. Disponível em: <[http://www.csit.tv/en/menu\\_main/intern:72/download-area/docfolder-csit-magazine-csit-news](http://www.csit.tv/en/menu_main/intern:72/download-area/docfolder-csit-magazine-csit-news)>. Acesso em: 12/08/2009.
- Confédération Sportive Internationale Du Travail (2007). *History*. Disponível em: <[http://www.csit.tv/en/menu\\_main/about-us/history](http://www.csit.tv/en/menu_main/about-us/history)>. Acesso em: 01/09/2007.
- Confédération Sportive Internationale Du Travail (2009b). *Sponsorship World Sports Games Tallin 2010*. Vilnius: CSIT. Disponível em: <[http://www.csit.tv/en/menu\\_main/intern:72/download-area/docfolder-general-assembly-2009-vilnius-lithuania](http://www.csit.tv/en/menu_main/intern:72/download-area/docfolder-general-assembly-2009-vilnius-lithuania)>. Acesso em: 14/11/2009.
- Deveen, M. (1991). Aims and progress of sport for all in the context of the international labour movement. En INTERNATIONAL OLYMPIC ACADEMY. *Report of the thirty-first session*. Ancient Olympia: IOA, Disponível em: <<http://ioa.org.gr/en/proceedings>>. Acesso em: 23/06/2011.
- Gebara, A. (2002). História do esporte: novas abordagens. Esporte: história e sociedade. (Orgs). Marcelo Proni e Ricardo Lucena. Campinas: Autores Associados.

- Marchi Júnior, W. (2006). Como e possível ser esportivo e sociológico?. En Gebara, A.; Pillati, L. A. (Eds.). *Ensaio sobre história e sociologia nos esportes. Coleção Norbert Elias*, v. 2. Jundiaí: Fontoura.
- Marchi Júnior, W. (2004). "Sacando" o voleibol. São Paulo: Hucitec.
- Marchi Júnior, W.; Afonso, G. F. (2007). Globalização e esporte: apontamentos introdutórios para um debate. In: Ribeiro, L. C. (org.). *Futebol e Globalização*. 1 ed. Jundiaí: Fontoura, v. 1, p. 127-143.
- Proni, M. W. (1998). *Esporte-espetáculo e futebol-empresa*. Campinas. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Estadual de Campinas.
- Revista Gol Linhas Aéreas Inteligentes. (2008). Anúncio publicitário SESI. Plano de Vôo, n. 80, 196 p. São Paulo: Trip Editora e Propaganda.
- Riordarn, J. (1999). The worker sports movement. En Riordan, J. Krüger, A. (Eds.). *International Politics of Sport in the Twentieth Century*. London: E & FN Spon.
- Serviço Social Da Indústria (SESI) (2009). Departamento Nacional. Jogos do SESI: breve histórico. Disponível em: <<http://www.sesi.org.br/jogosdosesi/>>. Acesso em: 17/07/2009.
- Serviço Social Da Indústria (SESI). (2008). Departamento Nacional. Serviço social da indústria: números a serviço do trabalhador. Disponível em: <<http://www3.sesi.org.br/Programas/sesiesporte.htm#top>>. Acesso em: 07/04/2008.
- Weber. M. (2000). *Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. 4 ed. Brasília: Universidade de Brasília, v. 1.